

ZINE

IN.CA

[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]



#2

janeiro-abril de 2012

ZINE

IN.CA

[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]



janeiro-abril de 2012

editores

*carlos henrique
juliana bessa*

contato

editorial@zineinca.com

capa e contracapa

*concepção de carlos henrique com
fotografia de benoit paillé (capa) e
hengki koentjoro (contracapa).*

colaboradores

*bárbara porto
benoit paillé
bruno garrote
ernesto de carvalho
hengki koentjoro
jon goering
lena tosta
liana lessa
marcos sêmola
olivier boëls
paulo renato souza cunha*

ZINE

IN.CA

[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]

www.zineinca.com



o zine in.ca [intervenções críticas] é uma publicação de distribuição livre, que é possível devido à colaboração de inúmeras pessoas.

todos os trabalhos fotográficos foram reproduzidos com a autorização de seus respectivos autores, que detêm todos os direitos sobre suas próprias criações.

*Brasília, janeiro de 2012
Brasil*

ZINE

IN.CA

[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]

#2

janeiro-abril de 2012

editorial 7

FOTOGRAFIA

mind the step
MARCOS SÊMOLA 18

minim
HENGKI KOENTJORO 28

ye'thiopia
JON GOERING 44

toque
ERNESTO DE CARVALHO 66

maharaj
OLIVIER BOËLS & LENA TOSTA 82

longe de casa
BÁRBARA PORTO 98

rainbow gathering
BENOIT PAILLÉ 104

LIVROS

sqs 108: o código da modernidade 136

vídeo nas aldeias: 25 anos depois 138

CRÍTICA

10 *a tinta vermelha*
SLAVOJ ŽIŽEK

24 *narrativas possíveis*
LIANA LESSÁ

127 *penetrar-no-mundo: melancolia*
BRUNO GARROTE

FICÇÃO

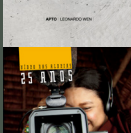
96 *terminal*
PAULO RENATO SOUZA CUNHA

COLUNAS

102 *camera work*
EXPOSIÇÕES, LIVROS E BLOGS

126 *arquivo*
A MEMÓRIA DA FOTOGRAFIA
The Migrant Mother

140 *colaboradores & agradecimentos*



fotografia

MAHARAJ



FOTOGRAFIA | OLIVIER BOËLS
TEXTO | LENA TOSTA



EM UM INCRÍVEL TRABALHO DE COLABORAÇÃO ENTRE UM FOTÓGRAFO E UMA ANTROPÓLOGA, ENTENDA PORQUE OS SADHUS SÃO UMA DAS FIGURAS MAIS ENIGMÁTICAS DA CULTURA HINDÚ .

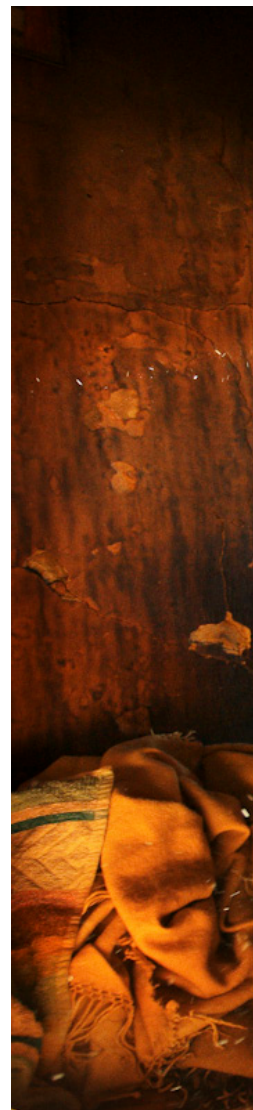
ERA 1975. O BRASIL VIVIA O TRAUMA do assassinato de Vladimir Herzog e os EUA testemunhavam seu fiasco militar no Vietnã. Em algum lugar do Himalaia, Maharaj Amar Bharti levantava seu braço direito pela paz no mundo. Trinta e seis anos depois, o braço continua em pé.

O *urdhva-bahu tapasya* (“austeridade do braço elevado”) não é mera mortificação, é uma prática de empoderamento e liberação. Através dela, Maharaj produz *tapas*, o mesmo calor criativo que deu origem ao universo. Sua meta, entretanto, é contrária àquela do demiurgo cósmico, a força vital do vazio primeiro, que desejou manifestar-se em Mente e verter luz em um mundo de multiplicidade. O asceta quer dissolver as parcialidades da mente para fazer manifestar, na multiplicidade que é o mundo, a presença do Uno.

Seu nome já diz: ele é o Grande Rei Imortal. Em seu corpo disciplinado convivem vida e morte, prova de seu domínio sobre o tempo, uma conquista que começa com o controle de desejos e aversões. Por isso, Maharaj vive uma vida regrada em uma pequena vila aos pés do Himalaia. Restrito aos dois metros de seu “trono”, se alimenta apenas uma vez por dia, mantém a rotina ritual do espaço sagrado da comunidade e promove curas e ensinamentos. Abre exceção à sua vida de recluso apenas em eventos de primeira importância, como o festival kumbha mela. No entanto, mesmo na vilazinha onde estabeleceu seu refúgio, não tem nem tempo nem espaço privados. Está sempre à disposição para servir, ou simplesmente para oferecer sua presença, já que o corpo empoderado pela austeridade afeta diretamente quem o vê.



Maharaj é mesmo um asceta de reputação sólida, mas longe dele querer encarnar o “santo afastado do mundo” dos imaginários bramânicos ou ocidentais. Durante o kumbha mela, ele faz questão de deixar-se exposto ao público, não raro na companhia de estrangeiros, mulheres e transexuais (hijras), uma pilha de dinheiro de doações a seu lado. Também não se incomoda em posar para câmeras do mundo inteiro ascendendo cachimbos de haxixe cada vez maiores e mais exóticos, ato que os renunciantes de sua linhagem praticam até em frente à polícia. Entre outros comportamentos à margem, o uso quase militante de haxixe - em um país que tem leis contra a cannabis - demonstra a diferença que eles demandam do mundo moral do não-renunciante.





“Durante o kumbha mela, ele faz questão de deixar-se exposto ao público, não raro na companhia de estrangeirxs, mulheres e transexuais (hijras), uma pilha de dinheiro de doações a seu lado”.



O campo de sentidos de Maharaj é um campo de poderes dissidentes construídos em contato direto com o mundo da vida, seja em sua face mais pública, a do ascetismo político-militar dos naga sadhus, seja em sua identidade mais reservada, vinculada ao kaula tantra e, em última instância, à “sabedoria louca” dos 84 mahasiddhas, iogues medievais. Como tal, o guru não é estranho aos poderes constituídos, à violência, à intoxicação, ao materialismo ou à poluição. Pelo contrário, por meio de pedagogias performáticas e (in)disciplinamentos, ascetas como Maharaj buscam desconstruir dualidades de maneira jocosa e relativista, em constante flerte com a inautenticidade.



Além de afirmar que levantou o braço pela paz no mundo, Maharaj também diz que o fez para manter viva a tradição dos grandes iogues. Sua austeridade tem lugar cativo no imaginário sobre ascetas, mas são apenas quatro os praticantes contemporâneos. O fato não parece preocupar Maharaj. Mesmo que ele tenha tomado para si um voto tão exigente em nome da perpetuação das práticas de sua linhagem, ele aceita a morte da austeridade como natural. E explica: austeridades severas são práticas de eras mais espiritualizadas. Nessa era de kali yuga, de dissolução do cosmos, manter a mais simples disciplina já é difícil. Por isso, práticas simples, como mantras, bastam.

A não ser que se queira adquirir siddhis, poderes criativos, como um dia ele quis. (L.T.)











Para iogues como Maharaj, o sagrado é acessível aos sentidos, está aparente no mundo manifestado, em todas suas cores e formas, em especial no corpo empoderado do asceta virtuoso. E também em sua fotografia. Isto porque a fotografia foi incorporada à tradição dos sadhus como uma tecnologia de darshan, empoderamento através da visão. Assim, imagens produzidas, editadas e distribuídas sob os auspícios de gurus, caso das imagens aqui reproduzidas, além da voz do fotógrafo e da pesquisadora, carregam consigo uma narrativa de si dos ascetas, sua intencionalidade e, quem sabe, a eficácia de sua presença. (LT.)









ZINE
IN.CA
[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]

zineinca.com

editorial@zineinca.com